



SESSÃO COORDENADA “HISTÓRIA E LITERATURA”

COORDENADORES:

ELRI BANDEIRA DE SOUSA & FRANCINALDO DE SOUZA
BANDEIRA

HISTÓRIA E LITERATURA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA NARRATIVA DE ERNEST HEMINGWAY EM *ADEUS ÀS ARMAS*

*FERDINANDO DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO*¹
PPGLI-UEPB
ferdinando_oliveira@hotmail.com

RESUMO

Este estudo propõe uma análise da visão histórica adotada pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961) na composição do romance *Adeus às Armas* (1929). Escrito de forma autobiográfica, o enredo aborda a paixão desenvolvida entre um tenente-norte americano e uma enfermeira inglesa durante a Primeira Guerra Mundial, panorama esse utilizado para a construção da trama e que coincide com aspectos da própria biografia do autor. Nesta pesquisa, serão considerados alguns elementos históricos existentes na narrativa que integraram o contexto da Primeira Guerra, estabelecendo uma relação com contribuições de historiadores como Sondhaus (2013) e Macmillan (2014), apresentando, desse modo, a obra como um dos grandes exemplos de ficção baseados nos eventos ocorridos durante esse conflito mundial.

Palavras-chave: Literatura; História; Primeira Guerra Mundial.

INTRODUÇÃO

As fontes pelas quais os historiadores buscam para construir suas teorias acerca do percurso da humanidade ao longo da história são, continuamente, exploradas quando se

¹Discente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB).

pretende verificar a veracidade das informações e dos dados coletados a partir dos métodos utilizados por esses especialistas. De certo modo, isso conduz a uma determinação da autenticidade do próprio historiador, uma vez que, quando suas teorias históricas são formuladas e postas a um processo de análise e observação e, seguidamente, constatadas enquanto fontes reais, o pesquisador adquire o reconhecimento considerável perante o contexto acadêmico e científico em que ele se integra.

Para que essa exatidão dos dados históricos seja condicionada a uma observação daquilo que corresponde ao real, a pesquisa se realiza pelo método comparativo, onde tais informações são coletadas e postas, concomitantemente, com o objetivo de observar se respectivas afirmações relacionadas a um determinado fato coincidem ao longo do relato apresentado em cada fonte explorada pelo teórico historiador. Em meio a essa questão, se insere o texto literário, elemento constituído de significação e que, concretamente, se torna visível ao leitor a partir de um autor, indivíduo este que, pela arte literária, transforma suas ideologias e suas visões de mundo em objeto de apreciação e interpretação daquilo que é posto e, nesse sentido, o contexto histórico se revela com mais frequência à medida que o texto se desenvolve em sua construção de conteúdo, colocando a literatura como uma ferramenta de busca de fontes históricas.

Os conflitos históricos que envolveram países de diferentes continentes resultaram em acontecimentos que, até hoje, revelam as suas graves consequências, seja no contexto mundial, econômico e cultural, de modo que as nações atingidas por essas circunstâncias carregam, em seu trajeto histórico, imagens de divisão e destruição geradas pelos combates que se predominaram durante essas ocorrências. Traz-se como exemplo a Primeira Guerra Mundial (ocorrida entre 1914 e 1918), um fato que mobilizou determinados países do globo – principalmente as grandes potências europeias – a lutarem em guerrilha, alterando uma realidade mundial de paz para uma verdadeira arena de violência e fragmentação nas relações humanas.

Este episódio, em especial, trouxe para o texto literário a chance de retratar, pela ficção, ambientes hostis onde o regime de opressão e de lutas eram predominantemente presentes no cotidiano daqueles que se integraram nas batalhas durante a guerra. Como exemplo de autor que produziu uma literatura que abrangesse o panorama de guerra é o escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961) que, com o romance *Adeus às Armas* (1929), utiliza a Primeira Guerra como fundamento para sua escrita. Isso é resultado da própria biografia de quem escreveu, já que, conforme afirma Anderson (2010), a

narrativa se associa com Hemingway que, durante a guerra, serviu como um motorista de ambulância da força italiana, tal como o protagonista do enredo, o personagem Frederic Henry. É possível, desde então, realizar uma pesquisa atentando em como a construção da obra aponta para uma concepção do escritor acerca de sua participação no conflito.

Logo, este artigo tem como principal objetivo analisar a perspectiva histórica que Hemingway se apropriou para compor o enredo em *Adeus às Armas*, considerando o modo como tais informações acerca da Primeira Guerra são colocadas em concordância com aspectos que fizeram parte deste grande embate no contexto global. Para tal fim, serão explorados alguns registros de alguns historiadores que pesquisaram sobre a temática da Primeira Guerra Mundial, expondo, assim, elementos desse panorama histórico que coincidem com a narrativa americana. Seguidamente, serão examinados alguns dados biográficos sobre a trajetória de Hemingway rumo à autoria, seu estilo de escrita e sua relevância no âmbito literário e, por fim, será desenvolvido um estudo crítico-analítico do *corpus* da pesquisa, especialmente em alguns trechos em que se apresentam algumas observações do escritor com relação ao cenário da guerra.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO

Tratada pelos pesquisadores como um dos maiores conflitos da história da humanidade, a Primeira Guerra Mundial realizou-se durante um período de lutas que se estendeu entre 28 de julho de 1914 e 11 de novembro de 1918. Envolvendo as grandes potências mundiais, as nações se dividiram em duas alianças: a Tríplice Entente, formada pela França, Reino Unido e Rússia, e a Tríplice Aliança, representada pela Alemanha, Itália e o Império Austro-Húngaro. Dessas relações, um dos grandes fatores que contribuiu para o surgimento desse conflito foi a disputa entre os impérios na prática colonial. Regiões da África, Ásia e do Pacífico, por exemplo, se tornaram territórios de cobiça por parte dos imperialistas que almejavam estender seu domínio político e econômico.

Todavia, o estopim para o início da guerra ocorreu com o assassinato do arquiduque e herdeiro do Império Austro-Húngaro Francisco Ferdinando (1863-1914) e, conforme aponta alguns dados referentes às suas ações políticas, ele

[...] esperava reduzir a dependência da Áustria-Hungria em relação à Alemanha e reorganizar o Império para dar poderes aos eslavos do sul como terceira força política. Essas ideias granjearam-lhe a inimizade de muitos austríacos alemães, de quase todos os magiars e daqueles eslavos (especialmente os sérvios) que temiam uma revitalização do Império. (SONDHAUS, 2013, p. 25).

Outras causas, ainda, serviram como base para o começo dos combates entre os países: o Pan-Eslavismo Russo, que tornava a Rússia como líder protetora de todos os eslavos, o que caracterizou um novo nacionalismo (MACMILLAN, 2014) e auxiliou o seu domínio imperial na Europa Oriental; a construção de uma estrada de ferro entre Berlin e Bagdá, possibilitando o interesse dos alemães pelos lençóis petrolíferos em espaços do Cáucaso e do Golfo Pérsico; o nacionalismo exercido pela Sérvia, ideologia esta que emergira durante a Revolução Francesa (1789-1799) e as Guerras Napoleônicas (1803-1815) e que se tornou predominante em potências europeias e não europeias, em domínios britânicos, colônias e nações subalternas; embates derivados do declínio do Império Turco; disputas entre Inglaterra, Alemanha e França pelas regiões do Marrocos; a primeira e segunda guerra dos Balcãs contra o Império Otomano; e, por último, a tomada de posse de colônias de outros países realizada pela Alemanha, Itália e outras regiões da Europa, de modo que isso proporcionou a natureza global do imperialismo europeu, seu comércio e seu poderio naval (SONDHAUS, 2013).

Dividida em três momentos, a Primeira Guerra teve suas primeiras ações na guerra de movimento, em que as Alianças estenderam suas intenções imperialistas para outros países com o intuito de adquirir forças para a obtenção de suas conquistas. Em seguida, houve a guerra das Trincheiras, fase em que os alemães constroem essas escavações com o intuito de obter estratégias de segurança e de invasão no território inimigo da França. Sobre essa época, Sondhaus (2013) afirma que as trincheiras de comunicação projetadas em ângulo reto perante as principais se conectavam e facilitavam o movimento dos soldados sem se expor aos combatentes inimigos. Ainda, eram por elas que eles tinham acesso a alimentos, munições e outros provimentos. Logo após, como uma terceira etapa, vieram as Ofensivas dos Cem Dias, período final da guerra pelo qual os Aliados lançaram ofensivas contra os Impérios Centrais do Ocidente. Nesse contexto, os combatentes tinham a ideia de que assumir a ofensiva e tomar uma decisão era essencial para vencer a guerra, como aponta Macmillan (2014).

Ademais, as disputas entre os países facilitaram a entrada do Japão e da Itália, porém o império japonês se retirou do conflito logo após agir ambiciosamente contra a China, tomando terras alemãs e outras colônias. Depois, no ano de 1916, houve a Batalha de Somme, que resultou em “[...] 650 mil aliados mortos, feridos ou desaparecidos.” (MACMILLAN, 2014, p. 683), além de 400 mil alemães; no mesmo ano, surge a Batalha

de Verdun entre Alemanha e França e, conforme Sondhaus (2013, p. 235), “[...] foi a mais prolongada sangria geograficamente concentrada da guerra, já que quase todos os seus mortos caíram dentro de uma área de 26 km², na qual foram disparados 10 milhões de projéteis, equivalentes a 1,35 milhão de toneladas de aço.”. Essas e muitas outras ocorrências se integraram ao longo da “Grande Guerra”.

O fim oficial dessa guerrilha ocorreu com a instauração do Tratado de Versalhes (1919), que foi um tratado de paz assinado após seis meses de negociações pelos países que compunham o potencial europeu. Ele “[...] serviu de modelo para os tratados da Conferência de Paz de Paris em relação a Áustria, Hungria e Bulgária [...]” (SONDHAUS, 2013, p. 497). Porém, a Alemanha acabou entrando em uma grande crise econômica com as penas impostas, dentre elas a perda das colônias, a atribuição de culpa pela ocasião da guerra e o pagamento de uma indenização aos países vencedores do combate. Porém, nada foi mais marcante do que as sequelas deixadas na memória daqueles que presenciaram pessoalmente a Primeira Guerra, seja diretamente, na condição de soldado, ou indiretamente, na posição de cidadão residente dentre os países abrangidos.

VIDA E OBRA DE ERNEST HEMINGWAY

A vida de Ernest Hemingway sempre foi dedicada à escrita literária. Grande parte da produção de suas obras se originou pelos dados biográficos do próprio autor e que, por isso, algumas de suas composições possuem certa proximidade com a sua trajetória enquanto compositor de literatura. Isso significa que, ao analisar alguns traços da biografia do escritor, se poderá obter uma compreensão mais ampla acerca do conjunto de textos de sua autoria.

Nascido nos Estados Unidos em 21 de julho de 1899, mais precisamente na cidade de Illinois, ele era filho de Clarence Hemingway, médico, e de Grace Salão Hemingway, professora de música e cantora. Iniciou sua carreira como repórter para um jornal intitulado *Kansas City Star*, o que contribuiu para a determinação de sua escrita literária no que se refere ao modo conciso em que os textos se adequam com a escrita jornalística. Depois, se voluntariou como soldado na Primeira Guerra Mundial, porém, por apresentar uma visão limitada, acabou sendo restringido ao combate na arena de guerra, sendo alocado como motorista de ambulância na Cruz Vermelha da Itália, como já introduzido neste estudo. Mesmo assim, acabou sendo ferido ao longo das batalhas, se submetendo a um processo

cirúrgico e ao total repouso e, com isso, facilitou o autor na sua dedicação na escrita de suas obras literárias, dedicando-se, principalmente, na produção em prosa, conferido no conjunto de contos e romances publicados.

Ainda, a vida pessoal de Hemingway é caracterizada pela existência de diversos relacionamentos, tanto no que diz respeito ao casamento como aos casos extraconjugais vivenciados por ele. Nomeado como “mulherengo” e “boêmio”, ele tinha uma rotina constante de viagens, visitando países como França, África, Espanha, Cuba, Itália, dentre outros, e esses espaços também foram consideráveis para a escrita de seus textos, já que alguns deles se situaram nesses territórios. Cada um, em sua construção, apresenta suas particularidades com relação ao contexto cultural, histórico e social existente nos cenários e temas apresentados pelo autor.

Cronologicamente, os trabalhos de Hemingway na literatura começaram em 1919, quando ele tentou publicar alguns contos produzidos em casa. Juntamente com T.S. Eliot (1888-1965), James Joyce (1882-1941), dentre outros, eles formaram o grupo de escritores denominado *A Geração Perdida*, composto por artistas literários americanos expatriados que viajaram dos Estados Unidos a Paris em busca de inspiração e distanciamento da *Grande Depressão Econômica* (ou *crise de 1929*), que atingiu a população norte-americana. É pelo seu primeiro romance em *O Sol Também se Levanta* (1926) que Hemingway irá tratar deste contexto, construindo personagens que, assim como ele, presenciou o estilo de vida na capital francesa.

A escrita de Hemingway também acompanhou as mudanças do período modernista, período que abrangeu todos os movimentos artísticos e culturais do século XX em que se buscavam novas formas de produzir arte, tendo como ponto central o desapego ao tradicional, considerado pelos integrantes como algo ultrapassado. A literatura, nesse cenário, adquire algumas alterações, especialmente ao modo como a ficção seria exposta ao leitor. Gray (2004) revela que os críticos defendiam uma leitura mais aprofundada do texto e o uso de práticas literárias distintas, a exemplo da inserção de figuras de linguagem e o surgimento do *fluxo de consciência* executado pelo narrador.

Têm-se registrado, então, inúmeras obras publicadas de sua autoria: as coleções de contos *Homens sem Mulheres* (1927), *O Vencedor Nada Leva* (1933), e *As Cinquenta Colunas e as Primeiras Quarenta e Nove Histórias* (1939), e alguns dos seus romances mais lembrados pela crítica literária: *O Sol Também se Levanta*, comentado anteriormente neste estudo, o romance de guerra *Adeus às Armas* - resultado de suas experiências durante

a Primeira Guerra Mundial e utilizado como objeto para esta análise - além de *Morte na Tarde* (1932), *Ter e Não Ter* (1937), *Por Quem os Sinos Dobram* (1940), *Do Outro Lado do Rio, entre as Árvores* (1950), e sua obra consagrada *O Velho e o Mar* (1952), de modo que este último lhe concedeu o Prêmio Nobel de Literatura e o Prêmio Pulitzer, sendo este atribuído a artistas reconhecidos pela sua excelência na literatura, no jornalismo, e em outras áreas. Ademais, outros textos do autor foram publicados após sua morte, como os romances *Paris é uma Festa* (1964), *As Ilhas da Corrente* (1970), *O Verão Perigoso* (1985) e *O Jardim do Éden* (1986).

Não obstante, seu sucesso literário não o impediu de sofrer problemas de saúde associados à depressão causados por dois acidentes em um avião na África, além de que o estado depressivo se constituiu de algo bastante presente na linhagem de sua família. Acreditando que estava perdendo o dom da escrita e vivenciando divergências no núcleo familiar, o autor cometeu suicídio em 02 de julho de 1961, atirando com uma pistola em si mesmo. De fato, ele deixou suas narrativas como marcas registradas de seu talento de escrita em língua inglesa no contexto literário estadunidense. Isso está em concordância com a afirmação de Anderson (2010) ao destacar que ele é um mestre literário reconhecido e um dos escritores mais influentes de prosa dentre os outros americanos que se encontram em sua geração.

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL EM ADEUS ÁS ARMAS

O texto narrativo em *Adeus às Armas* se realiza de forma autobiográfica, característica revelada pelo modo que o enredo se apresenta ao leitor a partir da perspectiva do protagonista, o motorista e tenente norte-americano Frederic Henry. Servindo ao exército italiano, ele narra sua trajetória ao longo dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e sua paixão pela enfermeira escocesa Catherine Barkley. Henry, no romance, se configura como um *narrador autodiegético*, isto é, o narrador “[...] que relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história.” (REIS & LOPES, 1988, p. 62).

Essa estratégia narrativa de Hemingway é um tema bastante frequente em meio à crítica literária com relação a aspectos semelhantes da obra com a biografia do autor. Vernon (2013), sobre isso, declara que a trama se refere a um retrato reflexivo sobre a experiência do cidadão estadunidense na guerra, e que as coincidências entre o

protagonista e o escritor são intrigantes: Hemingway e Henry eram ambos, motoristas de ambulâncias; além disso, durante seu trabalho como voluntário da frente italiana, ele se apaixonou pela enfermeira americana Agnes von Kurowsk (1892-1984), servindo de inspiração para a criação do romance. Com isso, se torna útil para a compreensão do significado de alguns elementos históricos existentes na obra, promovendo um exame de todo o panorama no qual ela se materializa (CULLER, 1999).

O narrador, em *Adeus às Armas*, expõe a rotina de um soldado durante a guerra, apresentado alguns objetos próprios da época. Ele cita, por exemplo, alguns utensílios: “O quarto que eu dividia com o tenente Rinaldi dava para o pátio. A janela estava aberta, minha cama arrumada, com cobertores, e minhas coisas penduradas na parede, a máscara contra gás na sua latinha oblonga, o capacete de aço no mesmo prego.” (HEMINGWAY, 2013, p. 14). Sondhaus (2013), em suas pesquisas, realça o uso de máscaras para a proteção de ataques com gás que se prolongaram ao longo do conflito, especialmente em 1916, ano em que se desenvolveram objetos mais eficazes contra os efeitos das substâncias químicas contidas.

O personagem Henry, nessa perspectiva, adiciona alguns aspectos referentes à caracterização dos soldados a medida que ele os descreve, conforme é possível observar no trecho abaixo:

Os caminhões chapinhavam e espirravam lama, e os soldados passavam sujos de barro e molhados, em seus capotes; os rifles estavam encharcados, e, por debaixo dos capotes, as duas patronas de couro cinzento na frente do cinturão, bastante pesadas, com os cartuchos de 6.5 mm, alongados e finos, estufavam tanto suas silhuetas, que faziam os homens em marcha parecerem grávidos de seis meses [...]. (HEMINGWAY, 2013, p.10).

Percebe-se, em sua descrição, a forma exata utilizada ao citar algumas utilidades dos combatentes, especialmente os cartuchos, munição comumente usufruídas pelas tropas, em especial os alemães que, em Londres, mantinham escondido 50 mil fuzis e 7 milhões de cartuchos para seus ataques às forças inimigas (MACMILLAN, 2014). Dessa forma, os homens serviam como verdadeiras máquinas de guerra, submetidas a um regime totalitário onde a violência era o principal mecanismo para a obtenção da vitória.

Seguidamente, é evidente a presença das ambulâncias no texto narrativo e a sua utilidade no cenário de guerra. Associada aos dados biográficos de Hemingway –motorista de ambulância – a narrativa revela como esses veículos se configuravam: “Eram ambulâncias de frente achatada, pesadonas, pintadas de cinza e lembrando caminhões de mudança. Os mecânicos estavam consertando uma fora da garagem. Três outras andavam

pelas montanhas, a serviço dos postos de emergência [...]” (HEMINGWAY, 2013, p.17). Americano, o escritor de *Adeus às Armas* é um exemplo de voluntário fornecido pelo governo estadunidense durante a Primeira Guerra, sem falar nas ambulâncias concedidas, como se confere no dado histórico abaixo:

Além dos soldados e aviadores, os Estados Unidos forneceram um grande número de voluntários não combatentes para as operações europeias da Cruz Vermelha Americana e diversos serviços de ambulância dos Estados Unidos, o que se tornou uma opção preferida para jovens em idade universitária com meios para pagar suas próprias despesas para chegarem à França. (SONDHAUS, 2013, p. 206).

Outra informação possível de verificar no *corpus* em análise é a atuação da Áustria-Hungria na guerra. De acordo com Macmillan (2014), a rede de trincheiras provou a sua capacidade de defesa contra os ataques da oposição, mesmo sofrendo quase 1 milhão de baixas. Observe a visão de Henry ao tratar do desempenho da força austríaca:

[...] Os austríacos iriam acabar conosco. Mas os italianos haviam transposto o rio e avançado até quase três quilômetros, dentro do território austríaco. Era um lugar terrível, e os austríacos não deviam tê-lo deixado sob a posse dos italianos. Mas parece que houve uma tolerância mútua, porque os austríacos ainda detinham uma cabeça de ponte rio abaixo. Suas trincheiras ficavam numa elevação a apenas poucos metros das linhas italianas. [...]. (HEMINGWAY, 2013, p. 22).

Por estar inserido em um cenário político de combate entre países, subtende-se que Hemingway era ciente das relações de poder que se instauravam em torno daquelas circunstâncias que ele mesmo presenciou durante os combates. Em Henry, ele internaliza a sua visão sobre a condição dos Estados Unidos perante a guerra, e isso se torna claro quando o narrador aponta a sua perspectiva sobre a “possível” ação futura do presidente americano Woodrow Wilson (1856-1924) em proclamar guerra:

Os italianos estavam certos de que a América também iria declarar guerra à Áustria e mostravam-se perturbados com qualquer americano que chegasse, mesmo que fosse da Cruz Vermelha. Perguntaram-me se o presidente Wilson iria declarar guerra, e respondi que era questão de dias. Eu não sabia o que poderíamos ter contra a Áustria, mas me pareceu lógico que a considerássemos tão inimiga quanto à Alemanha. Também me perguntaram se declararíamos guerra aos turcos. Achei duvidoso. Turkey é a nossa ave nacional. Só que a piada, traduzida para o italiano, soou tão mal, que eles ficaram confusos e desconfiados, e eu precisei dizer que sim e que era provável estarmos na iminência de declarar guerra à Turquia. E à Bulgária? Tínhamos bebido várias doses de conhaque e respondi que, por Deus, sim — e também ao Japão. Mas alegaram que o Japão era aliado da Inglaterra. Respondi que não podíamos confiar nos malditos ingleses. (HEMINGWAY, 2013, p.54).

Pelos registros históricos, isso realmente se concretizou, considerando que, no ano de 1917, “[...] a indignação diante da retomada da guerra submarina indiscriminada pela Alemanha levou o presidente Wilson, na segunda-feira, 2 de abril, a pedir ao Congresso uma declaração de guerra.” (SONDHAUS, 2013, p. 266).

Encerra-se esse estudo observando o trabalho exercido pelos médicos durante a Primeira Guerra com relação aos soldados. Sondhaus (2013) reflete que inúmeros feridos foram examinados e vacinados por médicos e enfermeiros contra doenças nocivas, assim como o próprio autor da obra, que foi ferido e, conseqüentemente, tratado por esses “samaritanos” em um contexto ditatorial determinado pela violência, e essa imagem de destruição e sofrimento é retratada no fragmento que se segue:

Diante do posto, havia um grande número de feridos deitados no chão, no escuro. Havia gente transportando feridos para dentro e para fora e eu conseguia enxergar a luz no interior do posto toda vez que a cortina de entrada se abria para dar passagem a alguém, e a seguir ela se fechava. Os mortos eram colocados de lado. Os cirurgiões trabalhavam de mangas arregaçadas até os ombros, os braços vermelhos de sangue, como açougueiros [...]. (HEMINGWAY, 2013, p. 42).

Observa-se, assim, como a obra de Hemingway explora, historicamente, uma realidade que invade a memória do próprio escritor com relação aos combates da guerra. Apesar de se tratar de uma produção fictícia, *Adeus às Armas* contém traços da memória do autor e, ainda, suas angústias, sofrimentos e, sobretudo, seu pensamento crítico com base nas experiências vivenciadas nesse contexto social. Ao desenvolver uma análise histórica de um texto literário nessas condições, se atenta às ideias de Candido (2006), que enquadra o elemento social como objeto da própria construção da obra, sendo este explorado pelo método explicativo, ao invés de mera ilustração. Portanto, o romance só se torna compreensivo baseado em estudos analíticos que justifiquem a existência de quaisquer dados históricos que tenha contribuído para a elaboração da trama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em todas as relações estabelecidas entre história e literatura nesta pesquisa, observa-se que a perspectiva narrativa adotada por Hemingway expõe informações diretamente alusivas ao contexto da Primeira Guerra trazido pelos historiadores que se dedicaram a relatar este conflito mundial. É preciso destacar que este evento consistiu em algo de grande repercussão para todos os envolvidos e que, assim, é justificável a quantidade de textos históricos encontrados sobre a “Grande Guerra”. Isso também se

estende para a literatura, o que problematiza a sua utilidade ao apresentar fontes consideráveis para o estudo desenvolvido por aqueles que investigam a história, seja pela dimensão cultural, política, econômica, social, etc. *Adeus às Armas*, em sua constituição, se insere nessas discussões sobre a historicidade presente na ficção.

Através de um estudo de respectivos aspectos do *corpus* optado para a realização desta análise, percebeu-se como elementos pertencentes ao cenário da Primeira Guerra Mundial coincidem com considerações de especialistas que, ao longo de suas pesquisas, se dedicaram a aprofundar sobre esse conflito que atingiu nações distintas da população global. Considerou-se, então, o objeto literário como uma fonte e, para isso, é fundamental “[...] tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito, sob a condição de respeitar sua especificidade [...]” (LE GOFF, 1990, p. 08). Hemingway, por sua vez, tratou o tema com propriedade, uma vez que, de acordo com o que pode ser extraído de sua biografia, ele presenciou pessoalmente grande parte do que foi tratado no romance *Adeus às Armas* e, ao ser lido, o romance é observado como uma adaptação de registros da memória do autor para o modo ficcional, com o acréscimo de personagens e outros fatores externos à vida pessoal do escritor.

Sendo assim, a obra de Hemingway pertence ao grupo de textos literários vistos como fontes de estudo para o historiador. Uma análise voltada para outras composições do romancista possibilitará oportunidades de investigação daqueles que objetivam tratar a literatura a partir dos cenários históricos que ela apresenta em sua estruturação, propondo novas visões acerca de cada fato explorado pelo autor. Em geral, assim como em *Adeus às Armas*, a literatura norte-americana atrai o leitor não apenas pela sua criação artística e estética, mas, sobretudo, pelo seu modo de elaboração, de maneira que o texto literário discute temas concernentes à existência humana e que, por isso, conduz, de modo evidente, a uma aproximação da realidade tal quanto à própria fonte histórica consegue atingir.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, George Parker. **Research Guide to American Literature**: American Modernism: 1914-1945. New York: Facts On File, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

- GRAY, Richard. **A History of American Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- HEMINGWAY, Ernest. **Adeus às Armas**. Tradução de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).
- MACMILLAN, Margaret. **A Primeira Guerra Mundial**. Tradução de Gleuber Vieira. São Paulo: Globo Livros, 2014.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial: história completa**. Tradução de Roberto Cataldo. São Paulo: Contexto, 2013.
- VERNON, Alex. War: World War I. In: MODDELMOG, Debra A; GIZZO, Suzanne del. (Ed.). **Ernest Hemingway in Context**. New York: Cambridge, 2013. p. 388-394.